

# UMA OUTRA HISTÓRIA SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SÍNTESE EVOLUTIVA

*Maria Lúcia Castagna Wortmann*

SMOCOVITIS, Vassiliki Betty. *Unifying Biology. The Evolutionary Synthesis and Evolutionary Biology*. New Jersey: Princeton, 1996, 230 p. (ISBN 0-691-033343-9)

O livro, de Vassiliki Betty Smocovitis, dedicado aos biólogos e “arquitetos” da síntese evolutiva Ernst Mayr e William Provine, traz em sua capa uma pintura de William Blake, datada de 1807, denominada *Fall of Man*, que representa Adão e Eva sendo expulsos do “paraíso terrestre”. Essa representação, discutida pela autora no primeiro capítulo desse livro, e retomada no *Epilogue*, é usada para marcar, juntamente com excertos introdutórios retirados da literatura – os textos *The Palace of Desire*, *The Cairo Trilogy II*, de Naguib Mahfouz e *The Last Temptation of Christ* de Nikos Kazantzakis – essa explicação religiosa sobre a origem do “homem” persistentemente adotada no mundo ocidental. Aliás, a autora vale-se, freqüentemente, do “chamamento” ao pensamento de autores (Heraclitus, William Provine, George Sarton, Ernst Mayr, Susanne Langer, Jean François Lyotard, Stephen Greenblatt, Patrick Geddes e Arthur Tomson, entre outros), como um importante recurso para definir as temáticas que irá discutir em cada um dos sete capítulos em que desenvolve seu estudo. Smocovitis, uma egípcia filha de pais gregos, que fez seus estudos na University of Western Ontario e na Cornell University e que atualmente é *Professor Assistant of the History of Science* no *Department of History of Science* da *University of Florida*, foi “tocada” pela teoria sócio-política do multiculturalismo, mesmo que não faça dessa teorização sua “profissão de fé”.

Identificada pelo professor Ian Hacking como uma historiadora das Ciências da Vida, em uma das Mesas-Redondas em que participaram juntos no Simpósio “Fim de Século/Novo Milênio – Ciência e Tecnologia: explorando novas dimensões conceituais”, realizado em outubro de 1999, em Porto Alegre, RS, ela nos informou interessar-se, igualmente, pela Filosofia e a Sociologia das Ciências Biológicas no século XX. Foram esses interesses – que germinaram após ela ter participado, em 1982, na Cornell University, de um seminário de História e Filosofia da Ciência organizado por William B. Provine – que a conduziram a empreender a tarefa de desenvolver o estudo que resultou nesse livro. Nele ela conta, ou melhor, reconta, a história da emergência da síntese evolutiva (que refere ser um dos mais enigmáticos episódios

\*Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. / Grupo Interdisciplinar de Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do CNPq. E-mail: wortmann@zaz.com.br

da história da Biologia) e analisa como esse episódio se associou ao processo de “unificação da Biologia”, empenhando-se em considerar os instigantes aportes introduzidos pelos Estudos de Ciência e os Estudos Culturais.

A autora ocupa-se com a história da constituição da síntese evolutiva nos anos 30 e 40 do século XX – momento em que se processou a convergência de diferentes pontos de vista em direção à unificação de um sistema lógico de pensamento – um projeto que, segundo a autora, assumiu fortemente a intenção iluminista de unificação dos ramos do conhecimento e que estendeu esses esforços à Biologia, a mais heterogênea de todas as ciências. Mas a autora não se detém nesse período, nem nesse processo, embora suas considerações sobre ele se estendam por grande parte do longo e central Capítulo 5, denominado *The narrative of Unifying Biology*. Seu estudo avança até o final dos anos da década de 80, quando os debates entre os biólogos “pós-síntese” tornaram a colocar em relevo questões não resolvidas pela teoria “sintética da evolução” e a enfatizar pontos sobre os quais havia divergências.

É importante ressaltar o modo como a autora nos conta essa história, colocando em destaque o caráter contextual da ciência e o poder que as narrativas têm para dar coerência a projetos científicos e intelectuais: ela refere e analisa uma multiplicidade de textos, artigos, manuais e livros publicados ao longo de todo esse período, bem como identifica e segue as “pistas” de discussões travadas em eventos, seminários e conferências. Também transita nos processos de criação de sociedades científicas e trata de questões relativas aos financiamentos das investigações, circulando em temas e abordando problemas, usualmente não focalizados em histórias sobre a atividade científica centradas na dimensão “cognitiva/epistemológica”. Mas a autora igualmente circula nas discussões conduzidas sobre as relações entre a Física e a Biologia, nas questões que conduziram ao declínio da História Natural, nas tentativas de estabelecimento de modelos matemáticos para o campo da “sistemática-naturalista”, de quantificação da evolução, de mensuração da seleção natural, etc. E é, dessa forma, que ela integra à sua história os nomes de Julian Huxley, Theodosius Dobzhansky, J.H. Woodger, Ernst Mayr, G.G. Simpson, Conrad Waddington, Richard C. Lewontin, William B. Provine, G. Ledyard Stebbins, Sewall Wright, Conrad H. Waddington, Stephen Jay Gould, Dudley Shapere, Edward O. Wilson, Richard Dawkins, Paul Weiss, Douglas J. Futuyma e Motoo Kimura, entre outros protagonistas das ações que a autora discute ao examinar detalhadamente o processo em que se deu o enquadramento disciplinar da Biologia Evolutiva.

Antes disso, no entanto, no Capítulo 4, a autora se detém na discussão dos redirecionamentos, e problemas, que a adoção de aportes investigativos ligados ao que ela refere como “a virada contextual” trouxeram à História da Ciência. Transita em muitas “versões” do contextualismo, detendo-se no trabalho de Simon Schaffer e Steve Shapin *Leviathan and the Air-Pump*, além de comentar os estudos de Bruno Latour, Andrew Pickering, Mario Biagioli, Misia Landau e Donna Haraway. Destaca como a “nova história cultural” e as etnografias pós-modernas, que põem em destaque o papel construtivo dos discursos e das narrativas, são assumidas nesses trabalhos e,

para ampliar ainda mais essa discussão, exemplifica como os contextualistas têm focalizado os chamados “estudos darwinianos” – eles não buscam marcar que Darwin foi um “produto de sua época”; antes, se ocupam em discutir como se construiu a compreensão de que ele estava à frente de sua época.

No Capítulo 6, denominado *Reproblematizing the Evolutionary Synthesis*, Smocovitis, retoma alguns pontos que lhe pareceram não terem sido suficientemente esclarecidos nos capítulos anteriores como os que dizem respeito a discutir se disciplinas como a Microbiologia, a Embriologia e a Fisiologia (no período de emergência da síntese) e, posteriormente, a Ecologia foram, ou não, “incorporadas” na propalada “unificação” da Biologia. A autora salienta que a exclusão, ou não, de disciplinas e de seus praticantes dessa “unificação”, depende do ponto de vista assumido pelo analista/observador e que, nesse sentido, essa busca de unificação não deve ser tomada como um fim, mas como um processo. Na perspectiva teórica que assume, o que lhe parece ser, então, importante discutir é a dimensão em que essa “unificação” da Biologia se processou. Como a própria autora ressalta, o que efetivamente emergiu desse processo de “unificação da Biologia” foi uma visão de mundo evolutiva, uma cosmologia e uma poética *weltanschauung*, que preencheu um projeto intelectual que começou com as muitas origens da narrativa da ciência na cultura ocidental.

Muitas qualidades podem ser ressaltadas nesse texto da professora Vassiliki B. Smocovitis para recomendar à sua leitura. O estudo que conduziu sobre a emergência, a unificação e a maturação da Biologia, a partir do evento histórico da “síntese evolutiva”, é extenso, cuidadoso, detalhado, extremamente rico em informações e, ao mesmo tempo, pedagógico. Seu texto nos esclarece, constantemente, acerca das opções que assumiu ao desenvolvê-lo. Além disso, ela nos fornece amplas e detalhadas informações sobre tudo aquilo a que faz referência no texto: investigações que consultou; trabalhos similares ao seu, ou em que se apoiou para fazer suas considerações; textos que permitam aos leitores e leitoras ampliarem seus conhecimentos sobre os temas, eventos, ou circunstâncias que está focalizando etc. Cabe assim, então, atentar, para a riqueza das informações contidas nas notas de rodapé e, também, para a criteriosa seleção por temáticas que a autora adotou para fazer a apresentação da Bibliografia. Certamente este texto é uma leitura importante para os estudiosos de “evolução”, mas ele é igualmente necessário e produtivo para quem está interessado em desenvolver estudos históricos que discutam a ciência como uma cultura, dotada de linguagem, rituais, textos e práticas próprias. Como não me é possível abranger neste breve comentário as múltiplas contribuições que a autora nos dá nessa direção e, nem, tampouco, cobrir os inúmeros questionamentos que ela faz sobre o tema que discute convido, mais uma vez, os leitores e leitoras de *Episteme* a realizarem a leitura de seu livro.

